

## **A inclusão da realidade do afrodescendente no livro didático de língua materna: uma superação do passado escravo**

**Giselle Rodrigues Ribeiro<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar o modo como os livros didáticos têm representado o grupo étnico-racial negro e pardo em suas ilustrações. Um exame como este se faz premente, visto que, ao longo da história, percebe-se reiteradamente a retratação dos afrodescendentes como pessoas que fizeram parte de um passo histórico do Brasil, ocupando, normalmente, a posição de escravizados, fato que configura um quadro nocivo para este grupo e, ainda, para brasileiros de todas as etnias, haja vista a discriminação não ser benéfica à constituição identitária de nenhum povo. Depois de analisar duas coleções de livros didáticos destinados ao Ensino Fundamental, guiados por uma perspectiva sócio-histórica de ensino-aprendizagem, notamos que houve certo avanço na representação dos afro-brasileiros como integrantes da sociedade brasileira atual: estes figuram tanto nos estratos sociais mais baixos, como ocupando posições de sucesso, sendo que não há ênfase na representação de negros escravizados por parte de ambas as editoras.

**Palavras-chave:** Afrodescendente. Livro didático. Inclusão social. Superação da imagem de escravo.

### **Considerações iniciais**

Há muito tempo vemos os grupos do Movimento Negro brasileiro preocupados em cobrar uma melhor representação de seu povo nos livros didáticos de língua materna. Podemos dizer que tal apreensão origina-se no fato de os livros didáticos serem um dos materiais pedagógicos mais acessíveis para os professores, bem como por constituírem-se, sobretudo nas escolas públicas, a “única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares”, segundo Silva (2005, p. 22). Não obstante, mais do que isto, é fato também a existência de uma grande vontade e de uma necessidade de reverter um quadro maléfico presente hoje no meio educacional: descendentes de africanos ainda são muitas vezes retratados, nos livros didáticos, como pessoas que fizeram parte de um passado histórico do Brasil, ocupando, normalmente, a posição de escravos.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo – USP. Pesquisa: *A voz político-cultural do afro-brasileiro e seu papel para a construção de um diálogo crioulo entre o Brasil e a África de língua portuguesa*. E-mail: gi\_rr@hotmail.com.

Fato é que os afrodescendentes sempre tiveram uma importância inegável para o desenvolvimento do país, por sempre terem atuado como a mão de obra que levou e ainda leva a economia deste país adiante. Quando falamos de afrodescendentes, nos referimos aos indivíduos de etnia negra, mas, também, ao enorme contingente de pessoas pardas existente no Brasil, pessoas descendentes dos africanos que foram trazidos para cá, para serem escravizados, e, em menor grau, até de imigrantes ou de refugiados da África, que vieram fazer a vida em nossa nação.

Deste modo, objetivamos analisar livros didáticos destinados às 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, a fim de verificar se a representação dos afrodescendentes encontrada nestas publicações está apta e é hábil em retratar a realidade atual dos brasileiros descendentes de africanos e em considerar sua participação ativa na sociedade atual. Para tanto, vale dizer, escolhemos, para análise, duas coleções de livros didáticos: *Português: uma proposta para o letramento*, elaborada por Soares (2002), e *Vivência e construção: Língua Portuguesa*, das autoras Miranda, Lopes e Rodrigues (2004), coleções que além de serem utilizadas na região de Maringá-PR, foram avaliadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

É importante que se diga, para melhor compreensão de nosso trabalho, que o propósito de simplificar a descrição dos volumes didáticos no transcorrer do processo analítico nos levou a chamar os exemplares da coleção da autora Soares de exemplares da coleção 1; assim como os de Miranda, Lopes e Rodrigues de livros da coleção 2. Além disso, julgamos pertinente esclarecer que esta classificação não tem qualquer outro significado que não o de simplesmente ordenar as coleções pelos respectivos anos de edição.

Por fim, desejamos tocar em mais dois pontos: as fotos aqui elencadas não são ilustrativas da vida de todos os afrodescendentes do país, mesmo porque a certa precariedade que existe no tratamento da diversidade étnico-cultural no livro didático é um fato do universo atual da educação. Além disso, seria complexo por demais a missão de retratar o dia-a-dia de todo um vasto grupo de pessoas, pois, embora a etnia considerada seja apenas uma, a existência de indivíduos em diferentes estratos sociais é suficiente para ampliar em muito os tipos de vivências que precisariam ser retratadas.

Por último, gostaríamos de destacar que este artigo é um dos resultados de um projeto de iniciação científica que teve por temática a representação social do afrodescendente no livro didático de língua materna do Ensino Fundamental. Como tal, também se pauta por uma perspectiva sócio-histórica de ensino e aprendizagem, sendo subsidiado pelo pressupostos

teóricos de Bakhtin, especificamente em sua perspectiva do “outro” e estando vinculado ao Grupo de Pesquisa *Interação e escrita no ensino e aprendizagem* (UEM/CNPq-[www.escrita.uem.br](http://www.escrita.uem.br)).

## **1. O Racismo na educação**

Em seu artigo ‘O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola’, Waléria Menezes (2002) procura compreender como se constroem as relações raciais na escola – um dos espaços da superestrutura social do Brasil para a autora – e como estas contribuem para a formação da identidade das crianças negras. A autora coloca o preconceito como o “desencontro da alteridade” e expõe o modo como ele se tornou fruto de uma redução de aspectos culturais a critérios biológicos, os quais corroboraram para o denegrir grupos minoritários, no caso, os indivíduos negros.

Para a autora, que trata também da representação da escola, do existente preconceito racial nesta instituição e traz notas introdutórias sobre o lugar do negro no domínio escolar, embora a escola seja um espaço de contradição – já que se põe a função social de ser um lugar de preservação da diversidade cultural, “responsável pela promoção da equidade”, ao mesmo tempo em que colabora para a desvalorização do grupo étnico a que a criança negra pertence e para a destruição de sua identidade – ela pode proporcionar discussões aprofundadas a respeito das diferenças presentes em seu meio, favorecendo o reconhecimento e a valorização do grupo étnico negro, a partir do momento em que for reconhecida como o espaço de reprodução de diferenças étnicas que é.

## **2. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: uma consideração do tema da pluralidade cultural**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como diretrizes que são para o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professores com seus alunos, preocupam-se com a abordagem que a pluralidade cultural dos brasileiros tem tido no meio escolar. Para os PCNs (1998, p. 120-121), o Brasil sabe reelaborar as culturas de origem, tem construído experiências de convívio, mas o desconhecimento que ainda existe entre muitos indivíduos sobre a heterogeneidade do país faz com que este seja, ao mesmo tempo, marcado pela discriminação, pelo preconceito e pela injustiça.

Nas escolas, especificamente, “onde a diversidade está presente diretamente naqueles que constituem sua comunidade”, o documento governamental (1998, p. 125), destaca que a existência da pluriculturalidade da sociedade brasileira está sendo “ignorada, silenciada ou

minimizada”. Isso significa dizer que o lócus promotor da cidadania que a escola deveria ser está, na verdade, desconhecendo, omitindo ou desconsiderando toda essa complexidade e multifacetação que constituem os cidadãos do Brasil.

Como solução para esta situação, os PCNs (1998, p. 129) afirmam que reflexão norteadora da atuação no meio escolar deve ter “um cunho eminentemente pedagógico”, balizando-se, entretanto, no entendimento de preceitos jurídicos, em uma fundamentação ética, em conhecimentos acumulados em Geografia e História, em conceitos e noções oriundas da Lingüística, da Antropologia, da Psicologia, da Sociologia, em aspectos relativos a Estudos Populacionais, como inclusive no saber “produzido no âmbito de movimentos sociais e de suas organizações comunitárias”, quando se trata de transmitir o que é a pluralidade cultural para os estudantes, destacando-lhe a importância. Isto acontece, por sua vez, pelo fato de o campo de estudos teóricos da diversidade cultural ter um caráter interdisciplinar. Além disso, diríamos também que os desafios e conquistas do povo brasileiro, no processo histórico, não devem ser tratados com base no senso comum.

O que se percebe, enfim, na proposta de trabalho dos PCNs, é um interesse em conteúdos voltados para o conhecimento da realidade brasileira através da potencialização máxima da prática de transdisciplinaridade na escola. Isso se justifica na medida em que a oferta de informações de áreas diversas e relacionadas às experiências dos indivíduos permite um conhecimento mútuo dos alunos entre si e a respeito de seus concidadãos, pessoas de origens socioculturais diferentes. Para os PCNs,

trata-se também de recuperar, de forma não depreciativa, conhecimentos dos grupos étnicos e sociais, permitindo, ainda, que se evidencie o saber emergente, aquele que está em elaboração como parte do processo social de conscientização e afirmação de identidades e singularidades (1988, p. 135).

A transversalização é vista pelos PCNs, em suma, como portadora da capacidade de proporcionar ao aluno uma consciência para que construam juntos, escola e estudantes, um ambiente de aceitação, calcado no respeito; de apoio à expressão estudantil, caracterizado pelo interesse; e de incorporação das contribuições que possam ocorrer por parte da comunidade escolar, marcado pela valorização à diversidade. Tem-se, assim, uma percepção de manifestações de preconceito e de injustiça, como também a construção de uma escola democrática alicerçada na cidadania.

### **3. A perspectiva bakhtiniana do outro<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> Decidimos usar os pressupostos de Bakhtin por julgá-los apropriados no processo de apreciação da representação do afrodescendente no livro didático. Isto se dá porque historicamente as instituições escolares são

Superando o tradicional esquema da teoria da comunicação que postula, por exemplo, as funções desempenhadas pelo emissor e por um receptor, este sendo visto como uma entidade certamente passiva, apareceu Bakhtin, que, modernamente, nos contempla com uma visão muito mais especializada e exata sobre o que acontece durante o processo da enunciação.

Bakhtin (2007) confere ao receptor um papel bem mais amplo e importante do que o de simples auditor passivo da mensagem que é transmitida pelo emissor. Para o autor, ambos são parceiros de uma situação de interação verbal, são locutores, de modo que os enunciados que elaboram são construídos, desde o princípio, “em função de uma eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração”. Isto, por sua vez, acontece porque todo enunciado possui “uma capacidade de suscitar a atitude responsiva do *outro* locutor, ou seja, de determinar uma resposta”, ainda que esta advenha de uma compreensão responsiva retardada, afirma Bakhtin (1997, p. 297).

Para o lingüista, uma vez que o enunciado se constrói em função de uma reação-resposta, que é seu objetivo, o outro se torna indispensável, pois tanto será o respondente do enunciado, isto é, aquele que o responde, como também aquele que o molda e influencia, porque toda a estrutura enunciativa se pautará na sua constituição como destinatário, de modo a formar-se indo ao encontro da resposta que inerentemente pressupõe. O destinatário, para Bakhtin (1997, p. 325), é uma “particularidade constitutiva do enunciado”, sem a qual este não existe e tampouco poderia existir.

Correndo o risco de estarmos sumarizando muito as idéias de Bakhtin (1997), devemos, por fim, destacar o que o autor pensa em relação à palavra do outro. Para o lingüista, ela “preenche o eco dos enunciados alheios” (p. 313-14), marcando o que seria a alteridade em nosso próprio enunciado. Isto pode ser dito tendo em vista que nem sempre retiramos a palavra de que precisamos “do sistema da neutralidade *lexicográfica*” (p. 311), quando elegemos uma no processo de elaboração de nosso próprio enunciado. Conforme o autor, (1997, p. 311-312), “costumamos tirá-la de *outros enunciados*, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo”.

É por meio deste processo, que Bakhtin (1997, p. 314) chama de “*assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não das palavras da língua)” e que surge da interação contínua e permanente de nossa atividade verbal com os enunciados do outro, que construímos enunciados “repletos de palavras *dos outros*”, demarcando nossa produção, em

---

regidas pela ideologia de quem está no poder, no caso do Brasil, sempre uma elite branca. Assim, acreditamos que a representação do afrodescendente no livro didático pode em muito revelar o espaço que esta elite branca concede ao seu outro, os negros e pardos.

maior ou menor grau, com a alteridade, já que estas palavras alheias trazem uma expressividade própria, a qual “assimilamos, reestruturamos, modificamos” (p. 314).

#### **4. Uma demonstração da atuação da população afrodescendente no Brasil atual**

No livro 2, coleção 1, observamos, na p. 103, a foto de uma família de afrodescendentes que, por não ter lugar para morar, passou a se abrigar embaixo de um viaduto. Tendo ganhado vários caixotes de madeira, cada membro da família contribui, com ferramentas em punho, para a construção de pequenos barracos, cujas paredes, algumas já levantadas, demonstram a forma que terão os abrigos. Ao percebermos que esta fotografia está em uma unidade chamada “Casas de gente e casas de bicho”, percebemos quão complexo e doloroso é ver joões-de-barro e joões-graveto terem suas casas apresentadas e até homenageadas em um poema (p. 77), como é o caso do primeiro animal, enquanto que a família de descendentes de africanos, sem um lar, tem a dura realidade de sua acomodação na rua para ser retratada.

É interessante ressaltar, por outro lado, a atenção do livro didático ao retratar o problema de moradia como uma questão nacional e não exatamente exclusiva do grupo étnico negro e pardo. Isto pode ser evidenciado pela consideração da ilustração do poema de Roseana Murray, *Sem casa*, em que observamos um menino branco dormindo na rua e sonhando estar dormindo aconchegado em uma cama. No próprio poema, por sua vez, notamos, igualmente, a visão do eu-lírico, para quem “gente tem que ter / onde morar, / um canto, um quarto, / uma cama / para no fim do dia / guardar o corpo cansado, / com carinho, com cuidado, / que o corpo é a casa / dos pensamentos”.

Na p. 99 do livro 3, coleção 1, observamos a fotografia de três irmãs: Karen, Karina e Kátia, de 8 anos. As trigêmeas afrodescendentes foram clicadas segurando materiais de limpeza para uma reportagem publicada na *Folhinha*, de maio de 1999, que descreve as meninas pela sentença “Elas fazem papel de mãe”. Verificamos que esta situação foi motivada pelo fato de as meninas precisarem cuidar uma das outras e da casa todos os dias, juntamente com o irmão Bismarck, de 10 anos, pois a mãe dos pequenos é diarista e, como tal, sai cedo de casa, retornando ao lar apenas à noite.



FIGURA 1: TRIGÊMEAS AFRODESCENDENTES.

Fonte: SOARES, M. *Português: uma proposta para o letramento*. vol. 3. São Paulo: Moderna, 2002.

Estas e outras informações, como o fato de as crianças dividirem as tarefas domésticas e estudarem à tarde, indo para a escola caminhando e sozinhas, como também de terem o pai morando no Pará, enquanto vivem com a mãe em São Caetano do Sul/SP podem ser descobertas na p.100 do livro didático, em que foi reproduzida a reportagem do suplemento infantil do jornal *Folha de São Paulo*. Nesta página, existe, ainda, outra fotografia, através da qual conhecemos Bismarck, que foi fotografado junto com as irmãs em um processo de arrumação de um quarto.

A partir das fotografias e do texto da *Folhinha*, cuja manchete é “Eles são os donos da casa”, entramos em contato com a realidade de milhões de famílias em que o convívio entre filhos e pais se torna mais restrito, haja vista a necessidade de os responsáveis pelas crianças se ausentarem para ir trabalhar, conseguindo, deste modo o sustento da família. Embora o contexto em questão tenha sido representado por uma família de pardos, devemos considerar que a situação não é exclusiva deste grupo étnico, sendo, não obstante, de grande valor representativo para a consideração do cotidiano de muitas famílias de descendentes de africanos.

Na p. 149 do livro didático 2, coleção 2, tem início outra reportagem do suplemento infantil do jornal *Folha de São Paulo*, o *Folhinha*, cuja manchete é “A terra está doente”.

Neste texto, fala-se sobre o uso desregulado de recursos naturais pelos homens e são citadas as conseqüências que um comportamento descomprometido, como o revelado, causarão sobre o planeta e sobre a vida das pessoas.

Um dos problemas expostos na reportagem é o da escassez de água. Esta é a questão que nos leva a considerar a fotografia pilar deste exemplo, em que verificamos quatro mulheres nordestinas carregando, sobre suas cabeças, latões com água, que são transportados pelas mulheres para a região em que vivem, posto não contarem com sistema de saneamento básico. A história nos conta que a população nordestina apresenta grande proporção de afrodescendentes em sua constituição; da mesma forma, é de conhecimento do senso comum as dificuldades históricas que o povo do Nordeste enfrenta, como a falta de água para suprir necessidades básicas e a conseqüente precisão de grandes deslocamentos para a obtenção de água através de carros-pipas ou de poços alheios.

Como nos exemplos passados, é importante considerar que miséria e problemas de saneamento básico não são prerrogativas de nordestinos ou de afrodescendentes. Todavia, é esta uma problemática que vem toldando o modo de vida destas pessoas, haja vista os obstáculos que representam para uma vida salutar. Deste modo, julgamos pertinente a consideração de fotografias como a aludida como evidências da inclusão da realidade de descendentes de africanos no livro didático.

Nas p. 106 e 107 do livro didático 4, coleção 2, encontramos a foto de cinco garotos em uma olaria, local em que trabalham, carregando peso durante o dia todo, debaixo de sol ou de chuva, mesmo sem estarem preparados física ou psiquicamente para o mundo do trabalho. A foto é dramática e revela, nos olhares e expressões infantis, o sacrifício realizado pelos garotos afrodescendentes a cada dia de serviço. O despreparo dos meninos para a tarefa pesada, haja vista suas idades, assim como a inadequação da atividade realizada por um outro menino, que aparece quebrando pedra, em uma fotografia na p. 107, correndo riscos sérios de “receber uma lasca no olho ou o pó das pedras nos pulmões” é expresso pelas informações prestadas pela médica sanitária Celeste Cristina de Azevedo Consenza, em uma entrevista que concedeu sobre o trabalho infantil, cujo trecho foi reproduzido pelo livro didático.





FIGURA 2: CINCO GAROTOS EM UMA OLARIA.

Fonte: MIRANDA, C.; LOPES, A. C.; RODRIGUES, V. L. *Língua portuguesa*. v. 4. São Paulo: Ática, 2004.

Algumas páginas adiante – p. 112 – em que encontramos um texto adaptado do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que traz dados sobre a questão do trabalho infantil, é informado que as regiões nordeste e sul continuaram apresentando, em 2001, “percentuais mais elevados de crianças e de adolescentes ocupados”. Os dados sobre estas crianças ajudam a confirmar a condição de carência em que vivem os nordestinos brasileiros (já revelada no exemplo em que mulheres carregam latões com água), situação que obriga, freqüentemente, as crianças a irem trabalhar para poder auxiliar os pais no sustento doméstico.

Segundo o texto em questão, crianças e adolescentes que trabalham deveriam estar estudando, em vez de aparecerem no mercado de trabalho. Esta informação, por sua vez, refere-se a todos aqueles jovens brasileiros, independentemente da etnia, pois, como bem esclarece a ilustração do texto, há situações em que crianças, brancas ou negras, por exemplo, trabalham lado a lado, padecendo o mesmo sofrimento. Não obstante, vale notar o quão comum é o trabalho infantil entre famílias afrodescendentes, as quais, muitas vezes, legaram a desventura dos antepassados escravos, que mesmo depois de libertos não tiveram oportunidade de se estabelecer na vida, haja vista o preconceito racial da sociedade que integraram.

Por fim, na unidade “Nomes e sobrenomes” do livro 2, coleção 2, em que Pelé é a personalidade de destaque, encontramos, no princípio, três pequenas fotografias, uma do próprio atleta, outra de Jorge Ben e uma de Caetano Veloso, em um exercício da p.61, uma cruzadinha, que deve ser respondida com o nome através do qual estas personalidades são

conhecidas – Jorge, Caetano e Pelé. Vale dizer que o exercício se justifica na medida em que aparece, previamente, na unidade, a letra da canção escrita e musicada por Toquinho e Elifas Andreato cujo nome é *Gente tem sobrenome*.

Na música, várias são as citações, tanto de objetos, como de flores, de comida e de pessoas, mas o eu-lírico nos esclarece que apenas as últimas têm sobrenomes, seguidos aos nomes, além de algumas possuírem apelidos também. Na letra dos compositores/musicistas tanto pessoas brancas, como Jô Soares, Charles Chaplin e Vinícius de Moraes, como negras e pardas, como Maguila, Mussum e Caetano Veloso são citadas, demonstrando que a prerrogativa de ter sobrenome serve para os dois grupos, o que, para nós, é um ponto positivo na representação dos afrodescendentes, que, muitas vezes, se contaram com identificação, estas eram feitas por meio de apelidos, normalmente ofensivos a sua identidade étnica. Ademais, temos que tanto Jorge Ben, como Caetano Veloso, são importantes referências musicais do Brasil, assim como Pelé ainda é o no futebol, de modo que encontramos, no livro didático, a representação de referências positivas da cultura afro-brasileira e para a população afrodescendente.

### **Considerações finais**

Ao iniciar este trabalho, optamos por selecionar fotografias de pessoas afrodescendentes, ao invés de desenhos, por considerar que elas comporiam uma mostra mais exata da realidade, uma vez que, a nosso ver, são flagras sociais, diferentemente das ilustrações que são reproduzidas com propósitos determinados, embora não nos esqueçamos que a atividade de fotografar também se realiza alicerçada sobre determinados valores ideológicos e intenções. Isto posto, devemos dizer que a análise do material em questão nos permitiu considerar a existência de certo avanço na representação dos afrodescendentes quando se trata de retratá-los como parte integrante da sociedade brasileira atual.

As duas coleções analisadas trouxeram representações de negros e pardos em diferentes estratos sociais e, portanto, com distintos tipos de dificuldades, conforme encontramos no meio social atual. Como pode ser detectado nos exemplos citados em nossa análise, observamos afrodescendentes moradores de rua; outros, habitantes de locais sem infra-estrutura (como é o caso das mulheres afrodescendentes); meninos trabalhando para buscar o próprio sustento, além de contribuir na renda familiar. Em uma situação consideravelmente melhor, encontra-se o trio de irmãos que cuidam de si e do serviço doméstico, enquanto a mãe trabalha durante o dia como empregada doméstica. As crianças freqüentam a escola e, apesar das dificuldades, aparecem sorrindo na pose para a foto. Em um

nível oposto ao dos primeiros exemplos, temos, por fim, Jorge Ben, Caetano e Pelé como exemplo de afrodescendentes que venceram na vida e que se tornaram, inclusive, referências positivas para a população negra e parda, e até para a branca, brasileira, que se identifica com as diferentes conquistas do trio, almejando sucesso próprio e semelhante.

Quanto à representação dos afrodescendentes como integrantes de um tempo passado, especificamente no papel de escravos, identificamos que ela aparece ainda, nas produções didáticas, através de alguns desenhos, que, como explicado, não foram considerados nesta análise. Não obstante, notamos que este tipo de representação não foi a ênfase das coleções analisadas, sendo que personagens negros e pardos na posição de escravos foram detectados apenas quando considerada a lenda do Negrinho do Pastoreio, bem como as histórias de Monteiro Lobato que contaram com tia Nastácia e com tio Barnabé como personagens.

***Abstract:** This article aims to examine how the reality of the Afro-Brazilian people is represented in the Portuguese Language school textbooks. This analysis is particularly pertinent since this kind of books uses to represent Afro-Descendants as belonging to the Brazilian past, usually in the role of slaves, and not as the ones that have always taken part in the construction of the Brazilian society. After analyzing two collections of school textbooks used by K1 to K 12 students according to a socio-historical approach of the teaching/learning process, some improvement in the representation of the Afro-Brazilians was noticed: they are not represented exclusively as belonging to the lower social strata, but as the ones who hold prestigious roles as well; besides, printing houses no longer insist in the representation of black people as slaves.*

***Keywords:** Afro-Descendants. Didactic textbook. Social inclusion. Overcoming slave image.*

## **Referências**

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 117-160.

MENEZES, Waléria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola, 2002. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/147.html>> Acesso em: 22 out. 2005.

MIRANDA, C.; LOPES, A. C.; RODRIGUES, V. L. *Língua portuguesa*. v. 2. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. *Língua portuguesa*. v. 4. São Paulo: Ática, 2004.

**SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21-37.**

SOARES, M. *Português: uma proposta para o letramento*. v. 2. São Paulo: Moderna, 2002.

\_\_\_\_\_ *Português: uma proposta para o letramento. v. 3. São Paulo: Moderna, 2002.*